



VI Congresso Internacional de Educação- Neurociência e educação-entrelaçamentos entre saúde, aprendizagem e envelhecimento



COMPREENDER A CRIANÇA E A INFÂNCIA: Contribuições Sociológicas para a Educação Infantil

¹ Malci de Oliveira Lubas
UFMS/CPAQ
malci.lubas@ufms.br

² Janaina Nogueira Maia Carvalho
UFMS/CPAQ
janaina.maia@ufms.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise do Projeto de Extensão “A Sociologia da Infância: uma possibilidade de compreender a criança, a infância e a Educação Infantil”, desenvolvido no CMEI José Rodolfo Falcão, em Aquidauana/MS. Fundamentado nos estudos da Sociologia da Infância, o trabalho parte da compreensão de que as crianças são sujeitos sociais, históricos e culturais, dotados de capacidade de ação e produtoras de suas próprias culturas. A partir de autores como Corsaro (2011), Souza (2007) e Sarmiento (2005), reconhece-se que a infância constitui uma construção social plural, marcada por diferentes contextos e experiências, na qual as crianças participam ativamente das interações e dinâmicas sociais. O projeto teve como objetivo aprofundar a compreensão dessa perspectiva teórica e observar, na prática pedagógica, como as crianças constroem significados, negociam regras e expressam culturas de pares no cotidiano escolar. A metodologia incluiu observações, registros narrativos e fotográficos, além da organização intencional de cenários com materialidades que favorecessem o protagonismo infantil, desenvolvidos semanalmente. As atividades foram acompanhadas por encontros quinzenais realizados em parceria com o GEPCI (Grupo de Estudos e Pesquisas Criança e Infância/UFMS), envolvendo docentes da Educação Infantil, acadêmicos de Pedagogia e demais participantes. As ações possibilitaram evidenciar que as crianças produzem cultura, interagem de forma autônoma e criativa e atribuem sentidos próprios às experiências vividas. Conclui-se que o projeto contribuiu significativamente para ampliar a formação teórica e prática dos envolvidos, fortalecendo a compreensão da infância como categoria geracional e da criança como ator social ativo no contexto escolar.

Palavras-chave: Sociologia da Infância. Protagonismo Infantil. Educação Infantil.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the Extension Project “The Sociology of Childhood: a possibility for understanding children, childhood, and Early Childhood Education,” developed at CMEI José Rodolfo Falcão, in Aquidauana/MS, Brazil. Grounded in Childhood Sociology studies, the project is based on the understanding that children are social, historical, and cultural subjects, endowed with agency and capable of producing their own cultures. Drawing on authors such as Corsaro (2011), Souza (2007), and Sarmento (2005), childhood is recognized as a plural social construction, shaped by different contexts and experiences, in which children actively participate in social interactions and dynamics. The project aimed to deepen the understanding of this theoretical perspective and to observe, within pedagogical practice, how children construct meanings, negotiate rules, and express peer cultures in the school environment. The methodology included observations, narrative and photographic records, and the intentional organization of scenarios with materials that fostered children's protagonism, carried out weekly. The project also involved biweekly meetings in partnership with GEPCI (Child and Childhood Studies and Research Group/UFMS), bringing together Early Childhood Education teachers, Pedagogy students, and other participants. The actions developed highlighted that children produce culture, interact autonomously and creatively, and assign their own meanings to lived experiences. The study concludes that the project significantly contributed to the theoretical and practical development of participants, strengthening the understanding of childhood as a generational category and of children as active social actors within the school context.

Keywords: Sociology of Childhood. Children's Protagonism. Early Childhood Education.

1. INTRODUÇÃO

A Sociologia da Infância, enquanto campo teórico emergente no âmbito das ciências sociais, tem se consolidado na contemporaneidade por reconhecer a criança como sujeito social, histórico e cultural, dotado de agência e produtor de cultura. Tal perspectiva rompe com concepções tradicionais que entendiam a infância como etapa meramente preparatória para a vida adulta, defendendo, ao contrário, que as crianças participam ativamente da sociedade e constroem significados próprios por meio das interações que estabelecem no cotidiano (SOUZA, 2007; CORSARO, 2011).

Para Souza (2007, p. 07), “a criança é sujeito social, investigado, observado e compreendido a partir de perspectivas investigativas e teóricas distintas”. De acordo com a autora, as pesquisas com e sobre crianças e suas infâncias destacam, atualmente, as interações cotidianas entre crianças, bem como entre estas e seus familiares. Tais investigações também se evidenciam nos discursos e reflexões teóricas provenientes de diferentes áreas do saber, como a antropologia histórica, a filosofia e a psicologia, emergindo dos olhares e papéis assumidos pelos adultos ao refletirem sobre as crianças e suas experiências.

Nesse sentido, salienta-se que a constituição de qualquer ciência está fundamentada em questões socioculturais, estando, portanto, sujeita a múltiplas influências decorrentes das concepções singulares defendidas por seus pesquisadores. No caso específico da Sociologia da

Infância, observa-se uma pluralidade de interpretações e perspectivas oriundas de estudiosos de diferentes contextos linguísticos, culturais e sociais, o que resulta em distintas formas de compreender a infância. Assim, a Sociologia da Infância apresenta-se como uma crítica relevante à sociologia tradicional, contrapondo-se à concepção de que a criança deve ser apenas socializada pelo adulto. Essa perspectiva recusa a noção de que a criança necessita ser treinada para manter o equilíbrio da coletividade e adaptada aos valores hegemônicos da sociedade.

Nesse contexto, o presente artigo evidencia as práticas do Projeto de Extensão “*A Sociologia da Infância: uma possibilidade de compreender a criança, a infância e a Educação Infantil*”, desenvolvido no CMEI José Rodolfo Falcão, no município de Aquidauana/MS. No qual o mesmo justifica-se pela expansão dos estudos sobre a abordagem sociológica da infância e pela necessidade de ampliar a formação de docentes da Educação Infantil e acadêmicos de Pedagogia, proporcionando-lhes oportunidades de reflexão e prática fundamentadas em princípios históricos, culturais e sociais da infância. Conforme destaca Sarmiento (2005), a educação da infância deve constituir-se como um campo de possibilidades, considerando o espaço social das crianças como lugar de encontro entre culturas, imaginação, fantasia, criação e experiências de vida.

O objetivo central do projeto - pesquisa foi promover a compreensão da Sociologia da Infância e observar, na prática pedagógica, como as crianças vivenciam suas infâncias, constroem e reproduzem culturas, participam das interações sociais no espaço escolar. Para isso, o projeto firmou-se em ações teóricas em parceria com o *Grupo de Estudo e Pesquisa, Criança e Infância (GEPCI)*, desenvolvidos quizenalmente na UFMS - Câmpus de Aquidauana, no qual o mesmo obteve estudos dirigidos, análises de obras e artigos, de pesquisadores e atores atinentes com base na Sociologia da Infância. De forma complementar para as práticas pedagógicas, os encontros formativos com professores da Rede de Educação Infantil, ocorreram antes de dar início as ações no CMEI, com participação de acadêmicos/as do curso de Pedagogia, fortaleceram a parceria e vínculo da Universidade e Escola durante o período de ação do projeto.

A metodologia adotada durante as ações, incluiu observação, registros das narrativas das crianças em diário de bordo a cada ação, registro de imagens, preparação intencional de cenários com materialidades, para a valorização do protagonismo infantil. A pesquisa apoiou-se em questões norteadoras como: Como a/as criança/as participam das experiências propostas? De que forma expressam suas culturas de pares? Quais significados atribuem às interações e aos materiais disponibilizados?

As ações realizadas permitiram compreender, de forma mais aprofundada, a infância como categoria geracional e a criança como ator social, reafirmando princípios defendidos por

Corsaro (2011), segundo os quais as crianças negociam, produzem e ressignificam suas relações e práticas culturais. Desse modo, este artigo se propõe a apresentar e discutir os fundamentos teóricos, a metodologia e as vivências do Projeto de Extensão, apontando contribuições para a prática pedagógica e para a compreensão contemporânea da infância no contexto da Educação Infantil, a partir das contibuições da Sociologia da Infância.

2. CRIANÇA E INFÂNCIA EM FOCO: Perspectivas da Sociologia da Infância para a Educação Infantil

A Sociologia da Infância evidencia que, por muito tempo, a criança foi vista como um “adulto em miniatura”, cuja existência se voltava quase exclusivamente para a preparação da vida adulta. Essa concepção atribuía à infância um caráter transitório e secundário, reduzindo a criança a um ser incompleto, imaturo e desprovido de razão, que deveria ser moldado de acordo com os valores e normas sociais previamente estabelecidos pelos adultos. Dessa forma, a infância era entendida como um período voltado ao adestramento moral e disciplinar, enfatizando a obediência e a adaptação à ordem social vigente.

Nessa perspectiva tradicional, o papel da criança restringia-se ao de receptor passivo da cultura adulta, deixando de lado suas experiências, expressões e formas próprias de significar o mundo. As interações entre crianças, suas brincadeiras e sua produção simbólica eram desconsideradas como elementos culturais relevantes. Como apontam estudos históricos, Ariès (1981, p. 51), afirma: “no mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido”, nesse viés a infância não possuía um estatuto social diferenciado; sua valorização enquanto categoria específica é um fenômeno relativamente recente. Somente com o avanço das ciências humanas, especialmente a partir do final do século XX, é que se passa a reconhecer que as crianças não apenas vivem a infância, mas a produzem, interpretam e ressignificam conforme seus contextos sociais e culturais.

Dessa forma, antes do surgimento da Sociologia da Infância, a criança era concebida essencialmente como objeto de socialização, responsabilidade dos adultos e incapaz de contribuir para a vida social. A emergência desse campo teórico provocou uma ruptura significativa ao valorizar a infância como categoria geracional e a criança como sujeito de direitos, produtora de cultura e participante ativa das relações sociais. Essa mudança paradigmática permitiu que novas interpretações fossem construídas, possibilitando compreender a criança para além da preparação para o futuro, mas como protagonista de seu presente.

A Sociologia da Infância emergiu como um campo teórico próprio a partir da década de 1980, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, quando pesquisadores passaram a questionar concepções tradicionais de infância que a entendiam como uma etapa meramente preparatória e dependente da vida adulta. Entre os pioneiros, destaca-se o sociólogo norte-americano William Corsaro, considerado um dos principais fundadores desse campo ao propor a noção de reprodução interpretativa, segundo a qual as crianças não apenas recebem a cultura adulta, mas a interpretam, negociam e produzem suas próprias culturas de pares. Outros estudiosos importantes, como Alan Prout (1981), Allison James (2000), Chris Jenk (2002)s e Manuel Sarmiento (2005), também contribuíram significativamente para o reconhecimento da criança como ator social, produtora de cultura e sujeito de direitos.

No Brasil, os estudos sobre Sociologia da Infância ganharam força especialmente a partir dos anos 1990 e 2000, acompanhando mudanças sociais, políticas e educacionais que passaram a valorizar a criança como sujeito de participação. Sônia Kramer (1986), entre outros, foram fundamentais para consolidar esse campo no contexto nacional. Suas produções dialogam com perspectivas internacionais, mas também abordam especificidades da realidade brasileira, como diversidade cultural, desigualdades sociais e políticas públicas de proteção à infância.

O desenvolvimento da Sociologia da Infância no Brasil também se articula ao avanço de políticas educacionais e de garantias legais, como a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e, posteriormente, a Base Nacional Comum Curricular (2017), que reforçam a criança como protagonista e participante ativa de seu processo de aprendizagem. Além disso, grupos de pesquisa em universidades brasileiras, têm ampliado debates sobre culturas infantis, experiências das crianças nos espaços educativos e metodologias de pesquisa com crianças, fortalecendo a produção científica na área.

Para tanto, é importante ressaltar que, a Sociologia da Infância no Brasil constitui-se a partir do diálogo entre referenciais internacionais e pesquisas nacionais que valorizam a criança como sujeito histórico, social e cultural. Esse movimento contribuiu para transformar tanto a compreensão teórica da infância quanto as práticas educativas, reconhecendo as crianças como protagonistas na construção de suas experiências e significados no mundo

3. PROJETO DE EXTENSÃO: Sociologia da Infância como Caminho para Compreender a Criança, a Infância e a Educação Infantil

A Sociologia da Infância, como campo de estudo na contemporaneidade, foca na criança reconhecida como ator social e em sua capacidade de produzir cultura, promovendo reflexões e diferentes perspectivas sobre a infância. Esses aspectos contribuem para repensar a Educação

Infantil, não apenas como um direito, mas também como um espaço que dá visibilidade à criança como sujeito de direitos, orientando novas possibilidades para a prática pedagógica nesse nível de ensino.

Para Kramer (2007) crianças são sujeitos sociais com infâncias específicas, e a Sociologia da Infância coloca as crianças e a infância no centro do seu campo teórico. Essa área apresenta novos olhares sobre as crianças, rompendo com a ideia abstrata de um modelo universal de desenvolvimento, assim,

[...] crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados, portanto pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. Reconhecemos o que é específico da infância: o seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência da cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas (KRAMER, 2007, p.15).

Nessa perspectiva, as crianças são entendidas como sujeitos sociais atravessados pela pluralidade e complexidade dos contextos sociais, além de serem produtoras de cultura.

Segundo Corsaro, (2011, p. 26), as crianças são: “agentes sociais que contribuem para a reprodução da infância e da sociedade, por meio de negociação com adultos, e de sua produção criativa de uma série de culturas de pares com outras crianças”. Para o autor, elas atuam como agentes que negociam constantemente com os adultos e criam, entre seus pares, formas próprias de cultura e modos particulares de relacionamento. Reconhecer as crianças como atores sociais e protagonistas dessas culturas de pares implica rever concepções tradicionais sobre a infância, atribuindo maior valor às suas ações, interpretações e produções. A abordagem interpretativa proposta por Corsaro desafia a sociologia a considerar seriamente as experiências infantis e reconhecer sua contribuição para os processos de continuidade e mudança social.

Além disso, é importante destacar que o campo teórico-metodológico da Sociologia da Infância sustenta que as crianças são sujeitos sociais e produtores de cultura, cuja participação deve ser observada e valorizada nos diferentes contextos em que vivem. Essa área busca ampliar os olhares sobre a infância, defendendo seus direitos, suas formas próprias de expressão e os sentidos que constroem nas interações com outras crianças e com os adultos. Assim, enfatiza-se a importância das relações entre pares e da perspectiva histórico-cultural na compreensão das práticas, experiências e modos de viver a infância.

Nesse contexto, o Projeto de Extensão justifica-se pelo avanço dos estudos na abordagem da Sociologia da Infância e pela necessidade de ampliar os conhecimentos sobre crianças e infâncias, tanto para docentes da Educação Infantil quanto para acadêmicos de Pedagogia. Sarmiento (2005) ressalta que a educação da infância deve ser organizada como um campo de possibilidades, sendo o espaço social da vida das crianças o local onde há um encontro de culturas.

A escolha pela modalidade da Educação Infantil se dá, por ser a primeira etapa da educação básica, destinada a promover o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Essa etapa atende crianças de dois a cinco anos, que estão iniciando seus primeiros vínculos com a instituição escolar. Por essa razão, articula ensino e cuidado, funcionando como um complemento essencial à educação familiar.

Dessa forma, o projeto destaca que a Educação Infantil é um espaço/tempo destinado às crianças, enquanto direito, e considera-se um aporte fundamental para a educação da infância. Ressalta também a importância primordial da brincadeira no desenvolvimento do bebê e da criança pequena e, quando o adulto prepara antecipadamente o ambiente, pensando nos elementos que compõem as materialidades e a estética, a criança se sente estimulada a pesquisar, explorar e experimentar.

Neste projeto, abordamos a criança e a infância sob uma perspectiva histórica e cultural, ou seja, a presença das crianças no estudo sociológico e o lugar da infância nesta área de pesquisa, que envolve diferentes pensamentos e abordagens sobre o processo de socialização, além dos modos de considerar as crianças e suas infâncias. Assim, as práticas pedagógicas, especialmente as ações extensionistas, têm o potencial de evidenciar a infância como categoria social e a criança como ator social. As atividades realizadas com as crianças do CMEI possibilitam a compreensão da infância como uma categoria geracional, socialmente construída, e as crianças como protagonistas desse processo.

A sociologia da infância, estuda e investiga as diferentes infâncias e considera como uma construção social, que se transformam com o tempo e com os diferentes espaços conforme sua categoria geracional. Sarmiento (2005) afirma que: A infância é historicamente construída, a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade. Para tanto,

[...]. fazem parte do processo as variações demográficas, as relações econômicas e os seus impactos diferenciados nos diferentes grupos etários e as políticas públicas, tanto quanto os dispositivos simbólicos, as práticas sociais e os estilos de vida de crianças e de adultos. (SARMENTO, 2005, p. 365-366).

Figura 01: Abertura dos Projetos 2025 - UFMS/CPAQ



Fonte: Acervo das Autoras/2025

Os encontros presenciais de estudos e trocas, possibilitaram situar momentos, espaços/tempos e temas em que a Sociologia da Infância se constitui como campo de estudos das crianças e suas infâncias. Evidenciou-se a infância como categoria social e a criança como ator social, favorecendo reflexões sobre as articulações entre a homogeneidade e a heterogeneidade da infância.

Figura 02: Grupo de Estudo e Pesquisa Crianças e Infâncias – GEPCI



Fonte: Acervo das Autoras 2025

Os estudos dirigidos são a partir de, leituras de obras de autores, críticos e teóricos, e continuamente quinzenal em parceria com o GEPCI, com abordagem da Sociologia da infância: Concepções de criança e infância e Educação Infantil, na UFMS/CPAQ.

Posteriormente, Pesquisa e estudos com: Temáticas teóricas em relação ao ensino/aprendizagem referentes à criança e sua/s infância/s e pesquisa dirigida: Espaços/tempos e temas em que a Sociologia da Infância se torna campo de estudos para se estudar a/s criança/s e sua/s infância/s forma realizado no CMEI, com acadêmicos, Coordenação do Projeto, Direção, Coordenação e Professore/as da Educação Infantil.

Ações dirigidas com as atividades planejadas junto ao cenário, materialidades com as crianças e os/as professores/as (Ed.Infantil) por meio de registro de textos e narrativas as ações foram realizadas nas práticas no CMEI José Rodolfo Falcão, na cidade de Aquidauna/MS com início em julho finalizando em novembro de 2025, sempre às segundas – feiras , no período matutino, com a turma do MATERNAL III A/B/C.

Essa organização proporcionou uma experiência de articulação entre teoria e prática, promovendo um olhar fundamentado na compreensão, reflexão, interpretação e participação de acadêmicos de Pedagogia e professores da Educação Infantil da Rede Pública de Aquidauana/MS. O cronograma se estabeleceu a partir da aprovação do Projeto em Edital do Extensão da UFMS/CPAQ e, seguiu a seguinte descrição:

	MÊS	Local/participantes
A1 = Estudos dirigidos: Abordagem da Sociologia da infância: Concepções de criança e infância e Educação Infantil	Maio e junho	UFMS/CPAQ Acadêmicos, Coordenação do Projeto, Direção, Coordenação e Professore/as da Educação Infantil
A2 = Pesquisa e estudos: Temáticas teóricas em relação ao ensino/aprendizagem referentes à criança e sua/s infância/s e pesquisa dirigida: Espaços/tempos e temas em que a Sociologia da Infância se torna campo de estudos para se estudar a/s criança/s e sua/s infância/s.	junho e julho	CMEI Acadêmicos, Coordenação do Projeto, Direção, Coordenação e Professore/as da Educação Infantil.

<p>A3 = Ações dirigidas com as atividades planejadas junto ao cenário, materialidades com as crianças e os/as professores/as (Ed. Infantil) por meio de registro de textos e narrativas</p>	<p>Agosto a novembro</p>	<p>Crianças, professor/as e acadêmico/as de Pedagogia no CMEI.</p>
---	--------------------------	--

Tabela 1 - Cronograma do Projeto.

Fonte: Acervo Pessoal/2025

Figura 03: Formação ministrada pela coordenadora do Projeto, com participação dos professores do CMEI, acadêmico/as de pedagogia.



Fonte: Acervo das Autoras/2025

Figura 04: Proposta do Cenário para abertura dos projetos



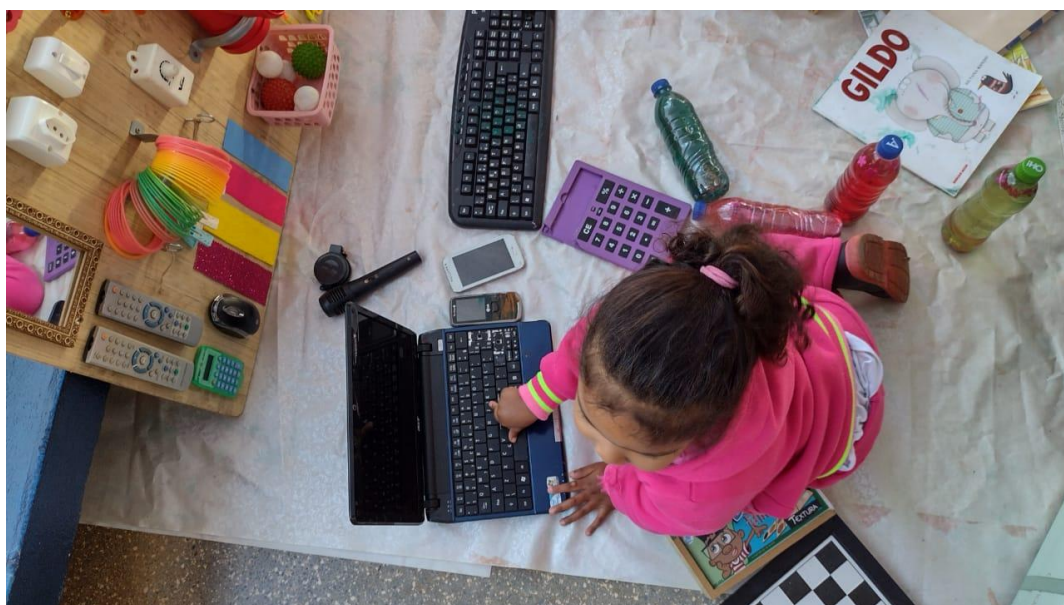
Fonte: Acervo das Autoras/2025

Figura 04: Proposta do Cenário para abertura dos projetos



Fonte: Acervo das Autoras/2025

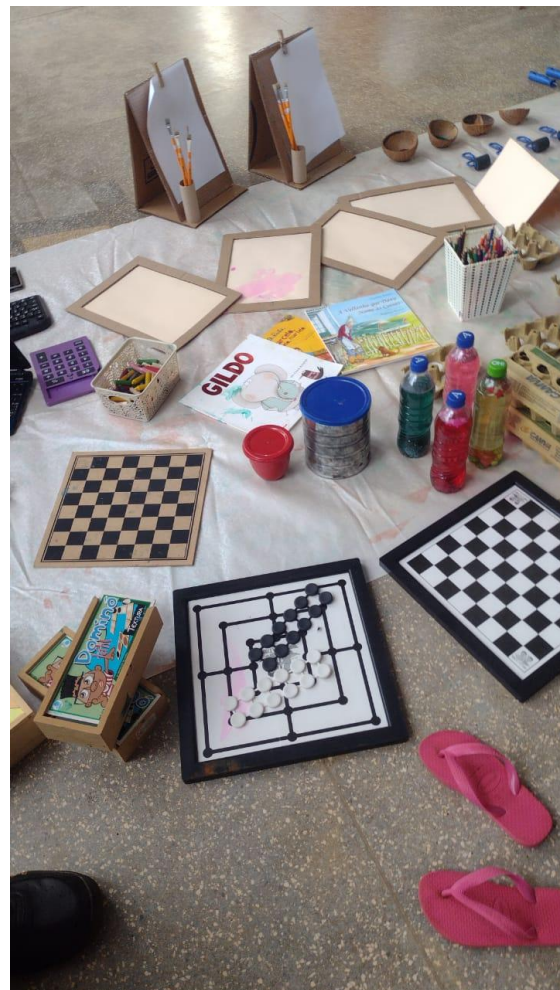
Figura 05: Cenário no CMEI com as materialidades



Fonte: Acervo das Autoras/2025

Para complementar essa ideia, podemos citar os estudos de autoras como Kramer (1986), que enfatiza a importância do ambiente na educação infantil, e Souza (2007), que destaca a mediação do adulto no processo de aprendizagem da criança. Dessa forma, um ambiente rico e desafiador para as crianças, estamos contribuindo para o seu desenvolvimento integral e proporcionando experiências significativas para sua formação como sujeitos ativos e autônomos.

Figuras 06 e 07: Cenário montado no CMEI para início da ação a partir das materialidades



Fonte: Acervo das Autoras/2025

Figura 08: Criança manipula lupa “Investiga com lupa os animais do livro”



Fonte: Acervo das Autora/2025

4. A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: Evidências e Interpretações

A análise foi realizada por meio de observações, registros e entrevistas com uma professora das turmas do Maternal e com a diretora do CMEI José Rodolfo Falcão. Os dados evidenciaram que o Projeto *Sociologia da Infância* gerou impactos significativos tanto nas práticas pedagógicas quanto nas formas de participação e expressão das crianças. Os relatos apontam que elas demonstraram alto nível de envolvimento nas propostas, explorando materiais estruturados e não estruturados com curiosidade, autonomia e criatividade. As percepções das profissionais são articuladas aqui com referenciais teóricos da Sociologia da Infância, campo que reconhece a criança como sujeito social, ativo, produtor de cultura e participante legítimo do espaço escolar (Sarmiento, 2005; Corsaro, 2011).

Segundo a professora e a Diretora, o ambiente proporcionado pelo projeto favoreceu experiências lúdicas ricas, permitindo que crianças em situação de vulnerabilidade encontrassem um espaço acolhedor para brincar, expressar emoções e construir aprendizagens significativas. Esse achado dialoga com Corsaro (2011), ao destacar que as crianças participam ativamente das interações sociais, negociando sentidos e produzindo culturas de pares. Assim, ilustramos a seguir, as três perguntas realizadas a elas, para consolidar as vivências do Projeto com as crianças:

4.1. Participação das crianças e ações desenvolvidas

A professora destaca que o projeto ofereceu às crianças um ambiente acolhedor, favorecendo o brincar, a exploração e a expressão de emoções. Essa visão se alinha à perspectiva de Kramer (1986), para quem o brincar é uma prática cultural que amplia possibilidades de experimentação e construção de conhecimento. Ao afirmar que o projeto contribuiu para aprendizagens significativas e para o desenvolvimento integral, a professora reforça a concepção de que a infância é um tempo de elaboração ativa de sentidos e experiências, não apenas de preparação para a vida adulta.

A diretora complementa essa percepção ao ressaltar que as crianças exploraram materiais estruturados e não estruturados de forma autônoma, criando, recriando e resolvendo conflitos por meio do brincar heurístico. Tal descrição dialoga diretamente com Sirota (2001) que aponta o brincar heurístico como prática que estimula a curiosidade, a exploração e a autonomia no primeiro ciclo da infância.

Esses relatos evidenciam que a participação das crianças não se limitou ao cumprimento de propostas, mas envolveu protagonismo, expressão e produção de cultura infantil, em consonância com o entendimento de Sarmiento (2005) sobre a criança como ator social.

4.2. Formas de relacionamento, pensamento e expressão das crianças

Ambas as entrevistadas relatam mudanças significativas na forma como as crianças passaram a se expressar e interagir ao longo do projeto. A professora observou que, de um estado inicial de timidez, as crianças avançaram para uma postura mais segura e criativa, especialmente por meio do brincar simbólico. Brincadeiras como “fazer comidinha” ou reproduzir cenas do cotidiano doméstico reafirmam a noção de reprodução interpretativa apresentada por Corsaro (2011), segundo a qual as crianças não apenas imitam o mundo adulto, mas reinterpretem e ressignificam suas experiências por meio das interações com seus pares.

Já a diretora destacou a diversidade de comportamentos no grupo e a forma como cada criança expressa emoções e resolve conflitos à sua maneira. A heterogeneidade apontada remete ao conceito de culturas infantis (Sarmiento, 2005), compreendidas como múltiplas, plurais e marcadas por singularidades que emergem nas práticas cotidianas.

As observações das profissionais revelam, portanto, que o projeto possibilitou que as crianças exprimissem suas subjetividades, negociassem significados, resolvessem conflitos e produzissem cultura, reafirmando sua condição de sujeitos sociais competentes.

4.3. Contribuições do projeto para repensar a prática pedagógica

As duas entrevistadas expressam que o projeto contribuiu para uma mudança profunda no olhar pedagógico sobre a infância. A professora afirma que passou a compreender a criança como protagonista, capaz de construir conhecimento por meio da ludicidade e da socialização. Essa percepção encontra respaldo em autores como Qvortrup (2011), que defende a infância como categoria estrutural da sociedade, e Abramowicz e Oliveira (2010), que discutem a criança como sujeito de direitos, produtora de culturas e participante ativa.

A diretora reforça essa perspectiva ao reconhecer a criança como ser pensante e social, com desejos, voz e direitos. Ela destaca que o projeto permitiu valorizar as diferentes infâncias presentes no CMEI, afirmando sua legitimidade e importância no cotidiano escolar. Tal compreensão se aproxima do que propõe Sarmiento (2005), ao afirmar que a escola deve ser lugar de escuta, participação e reconhecimento das crianças.

Essas reflexões indicam que o projeto não apenas impactou as crianças, mas também transformou o olhar das profissionais, promovendo uma pedagogia mais sensível às manifestações infantis, mais aberta à escuta e mais comprometida com o protagonismo e a agência infantil.

A análise das entrevistas evidencia que o *Projeto Sociologia da Criança* foi significativo tanto para as crianças quanto para as profissionais envolvidas. As vivências proporcionaram espaços de participação ativa, expressão, criatividade e construção de culturas infantis. As

professoras e a diretora, por sua vez, resignificaram suas práticas e concepções, reconhecendo a criança como sujeito social pleno, competente e protagonista de suas próprias experiências.

O projeto, portanto, consolida-se como uma experiência alinhada aos princípios da Sociologia da Infância, reafirmando a importância do brincar, da escuta e da participação infantil como pilares da educação na primeira infância.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A Sociologia da Infância no Cotidiano Escolar

Dessa forma, ao longo do desenvolvimento do Projeto Sociologia da Infância evidenciamos que a criação de ambientes planejados, ricos em materialidades e abertos à exploração autônoma das crianças contribui significativamente para o fortalecimento de práticas pedagógicas fundamentadas no protagonismo infantil. As observações, registros e entrevistas com a equipe pedagógica demonstram que, quando lhes são oferecidas oportunidades intencionais de brincar, investigar e interagir, as crianças revelam elevada capacidade de criação, expressão e organização de culturas próprias, confirmando pressupostos teóricos de Corsaro, Sarmiento e demais autores da Sociologia da Infância.

O projeto permitiu identificar avanços importantes na forma como as crianças participam, constroem significados e se relacionam com seus pares e com os materiais disponibilizados. As professoras e a direção ressaltaram melhorias na autonomia, na confiança, na expressão de emoções e nas interações sociais, mostrando que o brincar é um espaço privilegiado de aprendizagem e desenvolvimento. Tais evidências reafirmam a necessidade de práticas educativas que valorizem a escuta sensível, a observação atenta e a compreensão da criança como sujeito competente e produtor de cultura.

Além disso, a proposta contribuiu para resignificar concepções tradicionais sobre a infância, impulsionando reflexões críticas na equipe pedagógica acerca de seu papel na mediação e organização dos espaços educativos. O projeto mostrou que, ao reconhecer a infância como categoria social e histórica, é possível romper com visões adultocêntricas e construir práticas pedagógicas alinhadas às perspectivas contemporâneas da Sociologia da Infância, nas quais as crianças assumem papel ativo, expressam suas vivências e ampliam suas possibilidades de aprendizagem.

Por fim, o projeto consolidou-se como uma iniciativa relevante para o fortalecimento da formação docente e da pesquisa acadêmica, promovendo a articulação entre universidade, profissionais da educação e crianças da Educação Infantil. Os resultados apontam para a importância de ampliar estudos, ações e políticas que garantam ambientes formativos mais democráticos, participativos e sensíveis às especificidades das infâncias. Assim, reafirma-se a

possibilidade de continuar investindo em práticas que compreendam as crianças como sujeitos sociais, de direitos e protagonistas de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. **A sociologia da infância no Brasil: caminhos e desafios.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1–18, jan./mar. 2010.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família.** Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- CORSARO, W. **Sociologia da infância.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel. **Infância: fios e desafios da pesquisa.** 6. ed. Campinas: Papirus, 1986.
- KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade.** In: Brasil. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2007.
- MONTANDON, C. **Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa.** *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 33-60, mar. 2001.
- QVORTRUP, Jens. *A infância enquanto categoria estrutural.* In: QVORTRUP, Jens; CORSARO, William A.; HONIG, Michael-Sebastian (Orgs.). **Sociologia da Infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 199–230.
- SOUZA, Gisele. **A criança em perspectiva: o olhar do mundo sobre o tempo infância.** São Paulo: Cortez, 2007.
- SARMENTO, M. J. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361–378, maio/ago. 2005.
- SARMENTO. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade.** In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). **Crianças e miúdos: perspectivas socio pedagógicas sobre infância e educação.** Porto: Asa, 2009.
- SARMENTO. **Visibilidade Social e estudo da infância.** In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs.). *Infância (in)visível.* Araraquara: Junqueira & Marin, 2008. p. 25-49.
- SIROTA, R. **Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar.** *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001